

GRUPOS OPERATIVOS COM USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Victor Gabriel Souza Faria¹
Camila Souza Almeida
Bianca de Freitas Moraes

RESUMO

Os grupos operativos são uma técnica que através da criação de vínculos entre os seus integrantes e os coordenadores leva os indivíduos a uma reflexão sobre hábitos atuais e cria meios de ação para a mudança do estado atual. O objetivo é descrever a realização de grupos operativos voltados para o empoderamento e a auto eficácia dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial de álcool e outras drogas. Trata-se de um relato de experiência de um projeto de extensão vivenciado no período de agosto a outubro de 2016, coordenado por docente do curso de enfermagem e executado por discentes de enfermagem e psicologia no interior de Minas Gerais, em que se realizaram onze grupos operativos com duração média de sessenta minutos cada. Os grupos tiveram participação média de dez usuários por encontro. Resultados: Foram realizados grupos com temas que visassem aumentar o conhecimento dos usuários sobre seu tratamento e o uso de drogas e álcool, assim como aumentar a auto eficácia e empoderá-los a serem ativos em suas escolhas e tratamento. As técnicas utilizadas durante os grupos variaram de rodas de conversa a técnicas teatrais, visando o melhor resultado para os temas. Os relatos dos participantes e a observação dos coordenadores dos grupos demonstraram que os grupos operativos são efetivos para empoderar o usuário de drogas e álcool e trazer maiores informações e debates sobre o assunto. O projeto de extensão realizado de forma interdisciplinar por discentes de enfermagem e psicologia foi de suma importância para prepará-los para uma prática profissional mais integral e humanizada.

Palavras-chaves: Saúde Mental. Promoção de Saúde. Abuso de drogas. Educação em saúde. Interdisciplinaridade.

OPERATIVE GROUPS WITH USERS OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS

ABSTRACT

Operative groups are a technique that, through the creation of links between its members and the coordinators, leads the individuals to a reflection on current habits and creates means of action to the change of the current state. The objective is to describe the accomplishment of operative groups focused on the empowerment and self-efficacy of users

¹ Graduando de Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. (2016-Atual) Membro Fundador da Liga Acadêmica de Saúde Mental UEMG Divinópolis. Membro do Núcleo de Gestão, Sociedade e Epidemiologia na Enfermagem e na Rede de Atenção à Saúde (GSEERAS) da UEMG. Contato: victorgsf97@gmail.com

of a Psychosocial Care Center for alcohol and other drugs. This is an experience report of an extension project experienced in the period from August to October, 2016, coordinated by a teacher of the nursing course and carried out by nursing and psychology students in the interior of Minas Gerais, in which eleven groups with an average duration of sixty minutes in a Psychosocial Care Center. The groups had an average participation of ten users per meeting. Results: Groups with topics that aimed to increase the users' knowledge about their treatment and use of drugs and alcohol, as well as increase their self-efficacy and empower them to be active in their choices and treatment. The techniques used during the groups varied from conversation cycles to theatrical techniques, aiming at the best result for the themes. The reports of the participants and the observation of the group coordinators showed that the operative groups are effective in empowering the user of drugs and alcohol and bring more information and debates on the subject. The extension project carried out in an interdisciplinary way by students of nursing and psychology was of paramount importance and prepared them for a more integral and humanized professional practice.

Keywords: Mental Health. Health Promotion. Drug Abuse. Health Education. Interdisciplinarity

GRUPOS OPERATIVOS CON USUARIOS DE ALCOHOL Y OTRAS DROGAS

RESUMEN

Los grupos operativos son una técnica que, mediante la creación de vínculos entre sus miembros y los coordinadores, lleva a los individuos a una reflexión sobre los hábitos actuales y crea medios de acción para el cambio del estado actual. El objetivo es describir la realización de grupos operativos centrados en el empoderamiento y la autoeficacia de los usuarios de un Centro de Atención Psicosocial de alcohol y otras drogas. Este es un informe de experiencia de un proyecto de extensión experimentado en el período de agosto a octubre de 2016, coordinado por un profesor del curso de enfermería y llevado a cabo por estudiantes de enfermería y psicología en el interior de Minas Gerais, en el que se realiza once grupos operativos con un promedio de duración de sesenta minutos. Los grupos tuvieron una participación promedio de diez usuarios por reunión. Resultados: Fueron realizados grupos con temas que tenían como objetivo aumentar el conocimiento de los usuarios sobre su tratamiento y el uso de drogas y alcohol, así como aumentar su autoeficacia y empoderarlos para ser activos en sus elecciones y tratamiento. Las técnicas utilizadas durante los grupos variaron de ciclos de conversación a técnicas teatrales, con el objetivo de obtener el mejor resultado para los temas. Los informes de los participantes y la observación de los coordinadores del grupo mostraron que los grupos operativos son efectivos para empoderar al usuario de drogas y alcohol y traer más información y debates sobre el tema. El proyecto de extensión llevado a cabo de manera interdisciplinaria por estudiantes de enfermería y psicología fue de suma importancia y los preparó para una práctica profesional más integral y humanizada.

Palabras clave: Salud mental. Promoción de salud. Abuso de drogas y alcohol

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o uso de drogas está inserido na história da humanidade desde seus primórdios ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)). A conexão do ser humano com a droga muda conforme o momento histórico vivenciado. Em sua origem era utilizada como uma forma de conexão entre os homens e as entidades místicas. Atualmente vivencia-se o consumo de drogas como mais um bem de mercado, seguindo a lógica capitalista vigente ([MEDEIROS, 2014](#)). As políticas públicas voltadas para esse assunto também são criadas e implantadas conforme o contexto histórico-cultural, as direcionadas aos usuários são mais recentes. ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

No final da década de 80 surgiu em Santos – SP, o movimento de redução de danos (RD) que visava inicialmente a prevenção de doenças como o HIV, infecções sexualmente transmissíveis (IST) e hepatites, com foco na promoção da saúde. Ela foi estendida também a outros grupos de risco, como os usuários de drogas, mas apenas em 1994 foi reconhecida como uma estratégia de Saúde Pública ([BARD et al., 2016](#)).

Em 2003, foi lançada a Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a usuários de álcool e outras drogas tendo como base os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e a Reforma Psiquiátrica. As orientações dessa política são o trabalho em rede, a participação do usuário e a criação dos serviços alternativos aos hospitais psiquiátricos. Entre os serviços alternativos estão os centros de Atenção Psicossociais (CAPS), que trazem os CAPS específicos para os usuários de álcool e outras drogas (CAPS AD), orientados pela estratégia de redução de danos, prevenção, recuperação e reinserção social.

Os CAPS devem estar articulados ao restante da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) que tem a Atenção Primária de Saúde (APS) como centro do cuidado. Apesar de serem locais previstos pela política do Ministério da Saúde, os CAPS ainda se encontram em pequena quantidade no país, com profissionais ainda pouco qualificados ou até mesmo despreparados para os cuidados ao usuário de drogas ([COSTA et al., 2015](#)).

A RAPS se mostra desarticulada, com o CAPS ad isolado, o que é um risco, pois se pode ter a cronificação desse usuário na rede, com risco de manicomialização dos CAPS. Além desse dispositivo, existem outras estratégias pautadas na redução de danos como os consultórios de rua, os leitos em hospitais públicos e as casas de acolhimento ([COSTA et al., 2015](#); [SILVA; PERES, 2014](#)).

As políticas públicas brasileiras reconhecem o usuário de drogas como um cidadão de direito, sujeito político e que deveria ter voz ativa, participando das tomadas de decisão sobre o seu tratamento ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#); [BARD et al., 2016](#)). O que não acontece na prática, pois os profissionais de saúde, familiares e sociedade não se atentam aos desejos e anseios desses indivíduos ([SILVA; PERES, 2014](#)).

Dentro desse cenário é importante pensar em maneiras de empoderar esse sujeito, fazê-lo ser agente de seu tratamento. A promoção em saúde seria o instrumento capaz de desencadear essas mudanças, uma vez que considera a saúde de modo amplo, com os determinantes sociais e culturais, permitindo uma grande variedade de estratégias ([GEHLEN, 2013](#)). Podendo ser realizada através de grupos operativos que são uma forma de educação em saúde e mudanças de ações com base no fortalecimento do coletivo.

A promoção em saúde e suas técnicas poderiam ser melhor implementada quando se tem a prática da interdisciplinaridade que é um dos pilares da saúde mental e dos CAPS. Esta permite com que os profissionais sejam capazes de transcender sua própria especialidade, superarem seus limites e capacidades para auxiliar o usuário, além de

aceitarem a complementariedade das outras disciplinas. Assim, cada conhecimento se convergiria e um atendimento mais integral seria possível ([MEDEIROS, 2014](#)).

Mas há muitas dificuldades em incorporar a prática devido aos cursos de saúde ainda serem muito voltados às especificidades e técnicas. Uma forma de se superar esse isolamento é através das universidades, seja com uma grade curricular que abrange a interdisciplinaridade e com projetos de pesquisa e extensão capazes de agregar discentes de vários cursos para pensarem em conjunto para uma prática em saúde mais humana e integral ([GRYSCHEK; PINTO, 2015](#)).

Devido à importância do assunto e a necessidade de integração dos discentes a práticas extensionista interdisciplinares, realizou-se em um CAPS ad no interior de Minas Gerais, grupos operacionais com foco no empoderamento e auto eficácia do usuário de substâncias psicoativas (SPA), os temas abordados foram amplos e variados e foram utilizados como estratégia para o trabalho das questões referentes ao uso de álcool e drogas, laços sociais e afetivos e importância do tratamento, fazendo com que os papéis circulassem dentro do grupo, superando as estereotípias e gerando novas possibilidades de compreensão ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

O presente artigo propõe apresentar e descrever a experiência dos grupos operativos realizados por discentes de enfermagem e psicologia no CAPS ad de uma cidade do interior de Minas Gerais com vistas ao empoderamento desses usuários e o aumento da participação dos mesmos em relação ao tratamento e ao uso de SPA.

O projeto foi realizado através do PROINPE da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

MÉTODOS

As atividades realizadas fazem parte do projeto de extensão “Promoção em saúde de usuários de álcool e outras drogas em debate”. Foram realizados grupos operativos com usuários de álcool e outras drogas em um CAPS ad do tipo III de uma cidade do interior de Minas Gerais.

A escolha dos grupos operativos se deu por ser uma técnica que através da criação de vínculos entre os usuários e os coordenadores leva os usuários a uma reflexão sobre hábitos atuais e cria meios de ação para a mudança do estado atual ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

Os grupos ocorreram no CAPS AD III de Divinópolis, sendo realizados semanalmente durante onze semanas. Os encontros tinham duração de sessenta minutos em média e contavam com cerca de dez usuários de álcool e outras drogas. A participação dos grupos era livre e o único critério de exclusão era a restrição ao leito ou alguma contraindicação pela equipe de saúde.

As atividades eram coordenadas por uma docente do curso de enfermagem com experiência em CAPS ad e alunos da Universidade do Estado de Minas Gerais, sendo dois alunos do quarto período do curso de psicologia e uma aluna do curso de enfermagem, que também cursava o quarto período. Acredita-se que a interdisciplinaridade é fundamental quando se trabalha com o tema de álcool e outras drogas, iniciar a formação nessa ótica desde os primeiros períodos do curso é primordial para a boa formação dos profissionais de saúde.

Ao todo foram onze encontros que ocorreram de agosto a outubro de 2016 e abrangeram em ordem sequencial os seguintes temas: “Apresentação do projeto”; “O que

é CAPS ad?"; "Feedback motivacional"; "Manejo das situações de risco"; "Manejo da recaída"; "Habilidades de socialização"; "Habilidades de receber críticas"; "Recusando as drogas", Lidar com sentimentos negativos"; "Rede de apoio" e confraternização final". As técnicas usadas durante os grupos foram diversificadas e em consonância com a necessidade do tema.

Devido à grande rotatividade dos usuários do CAPS ad III, os grupos foram diversificados e não contaram com os mesmos participantes ao longo dos onze encontros.

RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA

Grupos operativos de empoderamento e auto eficácia para pacientes de um CAPS ad

Partindo da importância do empoderamento do usuário de SPA sobre seu uso, faz-se necessária a compreensão a respeito da importância das oficinas terapêuticas. Após a Reforma Psiquiátrica, as oficinas foram definidas como sendo obrigatórias em serviços de Saúde Mental, incluindo os CAPS ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

As oficinas terapêuticas permitem que o profissional possa adaptar seus métodos e mudar o foco durante a sua própria execução. Embora o planejamento seja feito com eficiência e preocupação, é importante estar aberto e entender que muito raramente tudo acontecerá da forma como planejado ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)). Dessa forma, é interessante ressaltar a reinvenção de conceitos por meio do diálogo e a percepção do ambiente e das características individuais e em conjunto do grupo. No presente projeto utilizou-se o grupo operativo por ser uma técnica capaz de criar vínculo e mudança de comportamento no usuário de SPA ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

Os grupos foram realizados de modo a aumentar a complexidade dos temas ao longo das semanas. Tendo iniciado com o conhecimento e fortalecimento dos laços entre pesquisadores e usuários até adentrar em assuntos mais complexos como sentimentos e rede social, pois os laços de confiança e de abertura a novos temas se fortaleciam ao longo dos encontros. A flutuação dos usuários no serviço não prejudicou o andamento do projeto, o que já era esperado por se tratar de um serviço aberto.

O primeiro encontro teve como foco apresentar o projeto aos usuários e profissionais de saúde. Utilizou-se uma dinâmica de apresentação, onde cada participante se apresentou, contou sua trajetória de vida e seu percurso até o CAPS. Ao todo foram doze participantes e ao final do grupo restaram seis participantes. Sendo realizado ao ar livre, em uma área externa da instituição, ao final foi ofertado um lanche coletivo, criando laços de confiança entre os participantes e os pesquisadores.

O segundo grupo teve como temática "O que é CAPS ad?" e o método utilizado foi uma roda de conversa. A dinâmica inicial utilizada foi a de relaxamento, com técnicas de respiração e concentração. Durante a roda de conversa os participantes expuseram seu conhecimento sobre que tipo de tratamento o local oferecia, qual sua importância e finalidade. Ao todo participaram oito usuários. No final da discussão foram apresentados vídeos didáticos sobre o assunto, esclarecendo as dúvidas. As atividades desse grupo ocorreram na sala multimídia da instituição, pois tratava-se de um local mais reservado e contava com aparelhagem audiovisual.

Observou-se um desconhecimento por parte dos usuários sobre os objetivos do CAPS ad, como o que seria a Redução de danos e prevenção de recaída. Muitos não

sabiam diferenciar o tratamento oferecido pelo CAPS ad do ofertado pelas comunidades terapêuticas.

Os dois encontros subsequentes trataram de maneira mais aprofundada sobre o uso de álcool e outras drogas. Sendo que no terceiro encontro se trabalhou o “feedback motivacional”, em que os participantes tiveram que escrever ou desenhar em um cartaz os prós e contras do uso de substâncias psicoativas, durante toda a tarefa os pesquisadores deixaram músicas relaxantes, dando liberdade e espaço para que os usuários de expressassem.

A dinâmica durou em média 20 minutos, sendo que após foi realizado uma roda e cada participante ponderou sobre os prós e contras do uso de drogas. Participaram dez usuários nesse encontro e foi realizado mais uma vez na sala de multimídia.

No quarto encontro trabalhou-se com o “manejo das situações de risco”. Inicialmente como nos demais encontros, durante os cinco primeiros minutos, foram realizados exercícios de relaxamento e respiração. Depois os usuários confeccionaram um cartaz em que colocaram os locais de risco, os sentimentos e pensamentos que poderiam levar a uma recaída. O grupo participou ativamente e a atividade teve duração de trinta minutos e foi seguido de uma discussão sobre o manejo das situações. Foi um encontro rico em trocas de experiências e vivências. No quinto encontro trabalhou-se as habilidades de socialização, já que durante os encontros anteriores notou-se uma dificuldade por parte dos usuários de iniciarem diálogos e até mesmo conversarem sobre assuntos não relacionados ao uso de drogas.

Os oito participantes foram separados em duplas e deveriam conversar entre si sem mencionar o uso de álcool ou drogas. Cada dupla tinha dez minutos para conversar e depois deveriam apresentar o companheiro e a conversa para o restante do grupo.

O resultado demonstrou uma grande dificuldade por parte dos participantes de socializarem sobre outros temas, as atividades e discussões tiveram uma duração total de trinta minutos. A partir das reflexões pudemos demonstrar para os participantes a limitação de seus relacionamentos e diálogos.

Assim como no encontro seguinte sobre receber e fazer crítica, em que se utilizou de técnicas teatrais e novamente os usuários tiveram dificuldades em assumir outros papéis ou se colocarem no lugar de terceiros. Nesse encontro os usuários deveriam fazer críticas a seus companheiros e depois se realizava a inversão de papéis. Inicialmente o encontro contava com 13 participantes, mas devido a tarefa se mostrar difícil, ao final contava-se apenas cinco. Esse grupo operativo se mostrou de difícil compreensão para os usuários, principalmente em receber críticas.

No sétimo encontro, planejou-se trabalhar técnicas de recusa de substâncias psicoativas, mas foi necessário uma mudança do tema durante a realização do grupo devido a percepção dos pesquisadores de outras demandas mais importantes, fato que pode ocorrer durante a realização de grupos operativos, e foi trabalhada a temática “Quem sou eu sem a droga?” Em que os participantes fizeram colagens e desenhos em folhas A4 sobre o que esperavam de suas vidas sem as drogas e álcool, devendo depois relatar o seu significado. Esse grupo foi realizado com dez participantes na área conhecida como “quiosque” que é utilizado para trabalhos manuais.

As colagens foram úteis ao dar vazão aos sentimentos e ao lúdico, mas durante o relato os mesmos tiveram dificuldades em se expressar através da fala. Assim como no grupo em que se trabalhou os sentimentos, nesse foi utilizado imagens de personalidades como Jesus Cristo, Mahatma Gandhi, Ronaldinho Gaúcho, Hitler e outros e foi solicitado

para que os participantes relatassem seus sentimentos em relação a essas pessoas e como estava seus próprios sentimentos e autoestima. Os usuários demonstraram grande dificuldade em falar sobre os sentimentos, assim foi proposto uma intervenção no local em que os usuários escreveram plaquinhas com os dizeres: “Mais amor, por favor!”, “Me dê um abraço!” e “Abraços grátis” e percorreram o CAPS ad solicitando e recebendo afeto de outros usuários e funcionários, o que demonstrou certo constrangimento, mas ao mesmo tempo emoção por parte dos usuários e equipe.

Já o penúltimo encontro foi sobre a Rede de Apoio em que se trabalhou os laços afetivos com amigos, família e serviços de saúde, foram usadas músicas e como o grupo ocorria concomitante com a reunião de família promovida pelo assistente social do serviço, se fez uma grande roda de música com os familiares e usuários, auxiliando no estreitamento de laços. Nesse grupo, inicialmente se tinha apenas seis participantes, mas ao final devido a atividade musical ter ocorrido ao ar livre em conjunto com outra atividade a maioria dos usuários do CAPS ad participaram.

No encontro final foi promovido um piquenique em que pacientes e funcionários participaram, foram distribuídas folhas em formato de coração para que, quem quisesse, pudesse expressar seus sentimentos em relação ao projeto, medida eficaz e que deu aos coordenadores do projeto uma devolutiva da eficácia dos encontros.

Os grupos se mostraram eficientes a medida que se notou um aumento do conhecimento dos participantes sobre seu tratamento e seu papel, deixando de serem meros expectadores e se tornando ativos em seu tratamento, além do estreitamento de laços sociais.

Atuação dos discentes de extensão universitária

As atividades extensionistas universitárias estão presentes no país desde o início do século XX, coincidindo com a criação do ensino superior. Podem ser vistas como de suma importância por se trabalhar a interdisciplinaridade, o científico e o cultural. O aluno é colocado diretamente em contato com a realidade ([FORPROEX, 2012](#))

Assim, para os alunos participantes houve um ganho em termos de troca de conhecimentos, fortalecendo as relações entre a universidade e a sociedade, além da troca entre os próprios alunos que eram de cursos distintos.

Para o curso de enfermagem é de extrema importância esse tipo de vivência extensionista já que são esses os profissionais que estão na “linha de frente” do cuidado e a liderança esperada da enfermagem está vinculada ao seu tipo de formação acadêmica, fazendo destes profissionais aptos a atuarem como importantes formadores de vínculos entre pacientes e serviços de saúde, assim como entre os próprios funcionários ([LANZONI; MEIRELES; CUMMINGS, 2016](#)). Assim como para os discentes de psicologia que puderam compartilhar seus conhecimentos mais específicos e compreender os processos de cuidado da enfermagem.

Antes do primeiro grupo, os alunos conheceram o local e tiveram contato com os profissionais e coordenador do CAPS ad. Logo em seguida e em todo o percurso do projeto houveram reuniões e treinamentos com a coordenadora do projeto para a realização dos grupos operativos, até que os mesmos tivessem autonomia para desenvolvê-los sozinhos.

Além da realização dos grupos os alunos participaram de seminários e congressos, assim como na confecção de resumos para congressos e artigos científicos, aprimorando o pilar científico e acadêmico esperado de um universitário.

Percalços na realização do projeto de extensão

Deve-se relatar alguns percalços durante a realização dos grupos como o espaço físico limitado do CAPS ad, sendo que muitas atividades foram comprometidas devido à falta de um local para a sua realização. A sala de multimídia, por exemplo, não comportava mais de quinze participantes e as áreas externas sem cobertura em alguns casos não podiam ser utilizadas devido ao clima.

E por fim uma dificuldade muito relatada pelos participantes, e que pode interferir no andamento do tratamento, é a dificuldade do CAPS ad em se articular com o restante da RAPS. Os pacientes relataram a dificuldade de conseguirem consultas nos Centros de Saúde, principalmente se estivesse em situação de rua, assim como dificuldade em conseguirem emprego, reencontrar familiares ou até mesmo conseguirem uma vaga na casa de acolhimento que se encontrava ao lado.

DISCUSSÃO

Uma das grandes dificuldades dos usuários de SPA é a adesão as oficinas e a segurança em compartilhar suas experiências. Esse desconforto ocorre devido à necessidade de se formar um vínculo paciente/ profissional que, para o paciente, inspire confiança para compartilhar um pouco de si na oficina ([BRAUN; ZANON; HALPERN, 2014](#))

É importante frisar que a produção da oficina, aquilo que é produzido, é uma manifestação da psique do usuário, ali se encontram a sua forma de ser e suas relações com o mundo ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)). Portanto, ausência de um vínculo de confiança, deixa o usuário acanhado e o faz refrear sua participação ([BRAUN; ZANON; HALPERN, 2014](#)),

Devido ao modo como o uso de álcool e drogas é visto pela sociedade, os usuários sofrem com um forte estigma social ([BARD et al., 2016](#)). Foi assertivo o fato de não haver a separação em grupos (usuários de álcool dos usuários de outras drogas). Trabalhando com todos simultaneamente pôde-se estreitar o vínculo entre usuários de álcool e de outras drogas, diminuindo assim, o preconceito. Foi mais efetiva a sensibilização quanto aos malefícios do consumo de ambas as substâncias, sendo que puderam perceber que os danos no contexto familiar e social são similares.

Uma observação importante é sobre o preconceito imposto por eles mesmos. O usuário de drogas tem dificuldade em se reconhecer como indivíduo de direitos e que se encontra em uma rede social ([MEDEIROS, 2014](#)). Através de atividades que visavam a compreensão de quem são eles sem a droga, percebeu-se uma enorme dificuldade de reconhecimento de suas próprias características, de forma a notar-se que o fato de serem usuários preenchia uma grande parte de suas existências.

Assim como se teve dificuldade em se trabalhar o lúdico, seja pelo teatro ou música, já que esses indivíduos têm dificuldades em se colocarem em outros papéis, pois se percebeu que estavam muito focados em seus próprios problemas e não conseguiam falar em terceira pessoa ou se colocarem muitas vezes no lugar de outros. Entretanto, o uso do teatro é relato pela literatura como capaz de invadir os campos da saúde e da doença e problematizar os elementos culturais que segregam a diversidade, a deficiência e a loucura ([SANTOS; JOCA; SOUZA, 2016](#))

O teatro do oprimido é muito utilizado como ferramenta para expressão social, pois passa a reinventar muitos papéis sociais através do reconhecimento do outro na própria

ótica da flexibilidade nos papéis desempenhados, permitindo que todos se sintam aptos a acolher e cuidar ([SANTOS; JOCA; SOUZA, 2016](#)). O sujeito passa a viver uma realidade fictícia para depois retomar à realidade social, sendo capaz de enfrentar conflitos com a nova bagagem adquirida. Nas oficinas realizadas pelo projeto de extensão, essa ferramenta não foi útil para a reinvenção dos papéis sociais, não se conseguiu visualizar se foi devido ao grupo de pacientes ou se a técnica aplicada foi inadequada.

Um dos quesitos importantes ao se trabalhar com usuários de álcool e outras drogas é a rede de apoio. Usuários com uma rede social pequena ou em isolamento social tendem a continuar o consumo de drogas. O usuário deve evitar os amigos de uso, assim como pessoas que o levam a terem sentimentos e pensamentos negativos que podem desencadear o uso. Assim como o apoio familiar é essencial ao tratamento ([SOUZA; PINHEIROS, 2013](#); [MCKAY et al., 2013](#)): Percebeu-se que a maioria dos usuários referiram anseio em voltar ao bom convívio familiar, relatando fatos e experiências de abandono e como essas perdas interferiram no aumento do número de recaídas. Esse desejo de se reconectar com a família agia como uma grande força motivadora para diversos pacientes. Por isso, a inclusão da família é um dos fatores que favorecem o tratamento ([BRAUN; ZANON; HALPERN, 2014](#)).

O trabalho em conjunto da enfermagem e da psicologia se mostrou positivo e é uma forma de integração já prevista pelo Ministério da Educação através das Diretrizes Curriculares Nacionais. O aprender a aprender é primordial e se dá na prática extensionista e de pesquisa e auxilia na formação de profissionais com conhecimentos menos fragmentados e mais aptos a integralidade, que é primordial na abordagem ao usuário de SPA e na saúde mental como um todo ([SCHEINDER; NEVES, 2015](#)).

Quanto às limitações tem-se o espaço físico adaptado, mas essa realidade é percebida em outros CAPS do país ([MEDEIROS, 2014](#)), e não foi um grande percalço para o andamento do projeto. Também houve a necessidade de iniciar as atividades de modo imediato quando se chamava os participantes para o local a ser realizada. Tal característica está de acordo com estudo realizado em Fortaleza com usuários de crack/ cocaína que demonstra baixa adesão nas oficinas ofertadas nos CAPS ad devido as características de baixo limiar a frustração, impulsividade e fissura ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

Outras constatações realizadas pela observação e durante os grupos é que a Rede de Atenção Psicossocial não se encontra totalmente preparada no município para exercer sua função. O CAPS ad muitas vezes opera de maneira isolada dos outros dispositivos de saúde e de assistência social ([FONSECA; GONDIM; FONTELES, 2014](#)).

O CAPS ad sozinho não consegue absorver e responder a todas as questões e demandas dos usuários, corre-se o risco de se institucionalizar esses pacientes, tornando-os dependentes do CAPS e não reinseridos na sociedade que é o preconizado ([COSTA et al., 2015](#)). Outra questão é crença de que as oficinas terapêuticas cumprem, por si mesmas, um papel terapêutico, sendo em diversos momentos, a aparente crença vigente no local. As oficinas devem capturar os anseios dos pacientes e levar a uma mudança de comportamento e atitude que extrapole o momento da oficina ([BRAUN; ZANON; HALPERN, 2014](#)).

Em diversas ocasiões os pacientes questionaram sobre a ausência de atividades no local. Os mesmos afirmavam serem pouco ouvidos nas reuniões feitas na instituição. Observou-se que, as outras oficinas realizadas pelos profissionais tinham uma descontinuidade e constantes interferências durante sua realização, pois devido ao grande volume de trabalho, alguns profissionais não podiam realizá-las segundo o cronograma, por estarem em reunião ou fazendo algum atendimento, ficando os pacientes ociosos por

longos períodos. Assim, como se tinha oficinas que visavam apenas “passar o tempo” do paciente. O que não condiz com os princípios da Reforma Psiquiátrica ([BRAUN; ZANON; HALPERN, 2014](#)).

Um dos princípios dos CAPS é a reinserção social, por isso as oficinas devem empoderar esses sujeitos na reintegração à sociedade. Se a atividade que os ocupa não tem esse cunho, corre-se o risco do CAPS ser apenas um espaço que permite que os usuários tenham acesso a medicamento. A instituição acaba ficando quase exclusivamente de caráter ambulatorial ([COSTA et al., 2015](#)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto atingiu o seu objetivo de empoderar os usuários de SPA, essa percepção veio com os retornos ao final de cada encontro e no encontro final em que os usuários relataram a importância de atividades que visem aumentar o conhecimento sobre o tratamento e o uso de SPA, assim como abrir um espaço para troca de experiência e estreitamento de laços afetivos, reforçando a rede de apoio e o empoderamento desses indivíduos. Tornando-os aptos a discutir e decidir sobre suas escolhas pessoais e em relação ao uso de drogas.

Para os discentes participantes foi uma forma de troca de conhecimento entre os diferentes cursos, onde se notou a importância da interdisciplinaridade para a realização de projetos como esse em que cada um dentro de seu conhecimento específico pôde acrescentar e aprender com o conhecimento do outro.

E por fim, as limitações foram a participação flutuante dos usuários, mas essa já era prevista e o espaço físico que muitas vezes limitou algumas dinâmicas e oficinas. Espera-se que o relato contribua para a replicação do mesmo, já que se mostrou eficiente no objetivo proposto.

AGRADECIMENTOS

Ao núcleo de Pesquisa Gestão, Sociedade e Epidemiologia na Enfermagem e na Rede de Atenção à Saúde (GSEERAS) da Universidade Estadual de Minas Gerais.

Submetido em 22/03/2018

Aceito em 07/10/2018

REFERÊNCIAS

[BARD, N. D. et al.](#) Estigma e preconceito: vivências dos usuários de crack. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 24, e2680, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v24/pt_0104-1169-rlae-0852-2680.pdf. Acesso em: 05 mar. 2018.

[BRAUN, L. M.; ZANON, L. L. D; HALPERN, S. C.](#) A família do usuário de drogas no CAPS: um relato de experiência. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 122-140, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v15n2/v15n2a10.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

COSTA P. H. A. et al. Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão de literatura. *Ciência da Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 395-406, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0395.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

FONSECA, F. N.; GONDIM, A. P.; FONTELES, M. M. F. Influência dos grupos terapêuticos em Centro de Atenção Psicossocial entre usuários com dependência de cocaína/crack. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 551-561, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n102/0103-1104-sdeb-38-102-0551.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

FORPROEX (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus (AM), 2012 Disponível em: <http://www.quiacultural.unicamp.br/sites/default/files/2012-07-13-politica-nacionalde-extensao.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

GEHLEN, M. H. Significados da prática educativa em unidade de desintoxicação química. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 317-322, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/32581> Acesso em: 05 mar. 2018.

GRYSCHEK, G.; PINTO, A. A. M. Saúde mental: como as equipes de saúde da família podem integrar esse cuidado na atenção básica? *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, p. 3255- 3262, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152010.13572014>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

LANZONI, G. M. M.; MEIRELES, B. H. S.; CUMMINGS, G. Práticas de liderança do enfermeiro na atenção básica à saúde: uma teoria fundamentada nos dados. *Texto Contexto e Enfermagem*, Florianópolis, v. 25, n. 4, e4190015, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-4190015.pdf . Acesso em: 25 jan. 2018.

MCKAY, J. R. et al. Factors in sustained recovery from cocaine dependence. *Journal of Substance Abuse Treatment*, Philadelphia, v. 45, n. 2, p. 163- 172, 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3696509/pdf/nihms463432.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

MEDEIROS, R. Construção social das drogas e do crack e as respostas institucionais e terapêuticas instituídas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 105-117, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n1/0104-1290-sausoc-23-01-00105.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SANTOS, E. S.; JOCA, E. C.; SOUZA, A. M. A. Teatro do oprimido em saúde mental: participação social com arte. *Interface*, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 637-647, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/2016nahead/1807-5762-icse-1807-576220150469.pdf> Acesso em: 05 mar. 2018.

SCHEINDER, O. M. F.; NEVES, A. S. Conversas sobre formar fazer a nutrição: as vivências e percursos da Liga de segurança alimentar e nutricional. *Interface*, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 187-196, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622012.3846> Acesso em: 18 fev. 2018.

SILVA, W. S.; PERES, R. S. Concepções sobre álcool e outras drogas na atenção básica: o pacto denegativo dos profissionais de Saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 474- 487, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n2/v34n2a15.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

SOUZA, L. G. S.; PINHEIRO, L. B. Oficinas terapêuticas em um centro de atenção psicossocial – álcool e drogas. *Aletheia*, v. 38, n. 39, p. 218-227, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n38-39/n38-39a18.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.